

UMA BATALHA EM FORMA DE BIOGRAFIA: MEMÓRIA E EMOÇÃO ESTÉTICA NA CONFORMAÇÃO DA IMAGEM DO PINTOR PEDRO AMÉRICO

*Silvano Alves Bezerra da SILVA*⁵⁶

RESUMO: Este estudo aborda o trabalho estratégico de celebração da imagem pública de um dos maiores pintores do Segundo Império brasileiro, Pedro Américo de Figueiredo e Melo, através do livro *Pedro Américo*, escrito por Luís Guimarães Júnior, e editado em 1871. Identificam-se e analisam-se os fatores estéticos que impregnam o texto biográfico de intensidade emocional, como modalidades estratégicas de fixação e consolidação da imagem pública do artista.

PALAVRAS-CHAVE: Estética e poder. Comunicação estratégica. Gênero discursivo e conformação estética.

ABSTRACT: This paper focuses on the strategic work of celebration of the public image of one of the greatest painters of the Second Brazilian Empire, Pedro Américo de Figueiredo e Melo, through the book *Pedro Américo*, written by Luís Guimarães Júnior, and edited in 1871. It identifies and analyzes the aesthetic factors that permeate the biographical text of emotional intensity, such as modalities strategic for fixing and consolidation of the public image of the artist.

KEYWORDS: Aesthetics and power. Strategic Communication. Gender discourse and conformation aesthetics.

⁵⁶ Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos – e professor do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão. É também o coordenador da Coleção Pedro Américo, que está restituindo todas as obras publicadas pelo pintor brasileiro, bem como aquelas que se debruçaram sobre sua vida e obra, ao longo do século XIX e início do XX.

1. Introdução

A história traz-nos exemplos formidáveis de recursos estéticos que foram chamados a se integrar a estratégias de consolidação e fixação da imagem pública. Imperadores, conquistadores, religiosos, líderes de diferentes esferas sociais, artistas e intelectuais jamais dispensaram as “cargas atributivas” que vêm com os estimulantes recursos da arte, quando se tem em vista a celebração de suas imagens. A combinação de poder e provocação estética é tão antiga quanto à própria humanidade, e é medida sempre presente quando entra em cena o jogo das distinções sociais. Afirmei, em *Estética utilitária* (2010, p.157-158), que [o] “exercício de poder solicita a instauração da sensação de poder, e essa sensação passa inevitavelmente pelo *grandioso*, na condição de adjuvante indispensável para a construção da hegemonia”.

Este artigo se debruça sobre um desses momentos em que a inteligência estratégica molda um instrumento de comunicação de larga penetração social, na intenção de consolidar a “imagem pública” de um dos maiores artistas do Segundo Império brasileiro, Pedro Américo de Figueiredo e Melo. E para cumprir com pleno êxito o seu papel de veículo disseminador, lança mão de recursos estéticos, que criam intensidades afetivas para assim fixar melhor, e com mais lustro, a figura do artista. Trata-se do perfil biográfico *Pedro Américo*, escrito por Luís Caetano Pereira Guimarães Júnior (Rio de Janeiro, RJ, 1845 – Lisboa, Portugal, 1898), mais conhecido por Luís Guimarães Júnior. Esta obra foi publicada em 1871, pela casa editorial Henrique Brown e João Almeida, do Rio de Janeiro.

Alguns motivos se impuseram para que extraíssemos deste perfil biográfico aquilo que consideramos a sua “inteligência narrativa”, voltada que está à celebração de uma personagem-símbolo da cultura artística nacional do Segundo Império brasileiro.

1. Considere-se, de saída, a estatura do biografado. Pedro Américo foi, em vida, uma das estrelas radiantes da pintura nacional, e o mais popular de nossos artistas, dentro e fora do país⁵⁷; morto, seu nome é referência obrigatória de um período da história das artes plásticas, e, por isso mesmo, objeto de sucessivos estudos. O conjunto de sua obra pictórica, como bem

⁵⁷ Pedro Américo fez algumas viagens ao continente europeu, e fixou residência em Florença quando se aposentou da Academia Imperial de Belas-Artes do Rio de Janeiro. Em duas dessas ocasiões, Pedro Américo partiu em direção a Florença, para pintar e em seguida expor dois grandes painéis, *A Batalha do Avaí* e *O grito do Ipiranga*, obras monumentais que exigiram do artista grande esforço de concepção e de execução. Estas passagens deram a Pedro Américo fama internacional, e muitos jornais publicaram matérias tanto sobre as solenidades das exposições, quanto sobre as obras. Em Oliveira (1993) se encontram alguns trechos de jornais europeus.

lembra um dos mais exigentes críticos de seu tempo, Gonzaga Duque, representou uma mudança de fase no curso das artes plásticas nacionais, inaugurando uma nova etapa a que ele denominou de *progresso* (1888, p. 105-140).

As diferentes atividades que desempenhou (pintor, professor, ensaísta, filósofo, romancista, redator, chargista, conferencista, líder trabalhista, político), além de assinalarem uma personalidade irrequieta, indicam, também, a insistência de Pedro Américo em superar as limitações do meio, e impor-se como intelectual dotado de qualidades plurais⁵⁸ – o que o torna figura quase isolada no modesto meio artístico-cultural do Brasil do século XIX⁵⁹. Se isso não bastasse, some-se o fato de que Pedro Américo foi, por justos motivos, um dos intelectuais que mais se empenharam pelo fortalecimento e engrandecimento da cultura nacional. O testemunho mais flagrante disso que acabamos de dizer se vê em sua atividade parlamentar na Primeira Constituinte da República⁶⁰, que demonstrou o seu compromisso com o aprimoramento de nossa sociedade, através de projetos de interesse educativo e cultural.

2. Depois, pela fama que acompanha o autor desta biografia. Luís Guimarães Júnior fez brilhante carreira literária na fase de transição do Romantismo para o Parnasianismo, e é o autor de um dos sonetos mais conhecidos do Brasil, “Visita à casa paterna”. Após concluir o curso de direito no Recife, ele voltou ao Rio de Janeiro, onde desenvolveu intensa e profícua atividade como jornalista, folhetinista e comediógrafo. Além de seus livros de poesia, *Corimbos* (1869) e *Sonetos e rimas* (1880), Guimarães Júnior publicou perfis biográficos de Carlos Gomes e este, de Pedro Américo, muitos textos de circunstância, comédias e o romance humorístico *A família Agulha*. Guimarães Júnior foi também diplomata, chegou ao posto de ministro plenipotenciário e trabalhou em Londres, Roma e Caracas. Ele também é membro fundador da Academia Brasileira de Letras.

⁵⁸ Este é um fenômeno que parece recorrente em sociedades recém emancipadas, como é o caso do Brasil neste preciso período histórico. O país tornara-se nação independente em 1822, e, carente de valores humanos, vivia-se a necessidade de mostrar, principalmente, à Europa que o Brasil tinha intelectuais igualáveis ou até mesmo capazes de superar os do Velho Mundo, e, assim, expor o grau civilizatório a que havíamos chegado.

⁵⁹ Outro brasileiro divide com Pedro Américo tamanha ambição pelo desempenho multifário, seu mestre e sogro Manoel de Araújo Porto Alegre, e que exerceu enorme influência sobre o artista e intelectual paraibano. Sobre este assunto, ver o nosso estudo introdutório à obra de Pedro Américo, *Considerações filosóficas sobre as belas-artes entre os antigos*, que integra esta Coleção

⁶⁰ Após a Proclamação da República, Pedro Américo foi eleito deputado federal pela Paraíba, em 1890. O leitor encontrará o conjunto de seus pronunciamentos parlamentares, e o esboço de um projeto em que Pedro Américo propõe a organização do ensino artístico no país, em *Discursos parlamentares*, que também integram a presente Coleção.

Quando foi publicada esta pequena biografia, tinha o autor 26 anos. Mesmo muito jovem já era poeta reconhecido no meio artístico e cultural da Corte brasileira. Para se ter uma ideia da notoriedade de Luís Guimarães Júnior ao tempo em que apareceu este apanhado biográfico, Machado de Assis⁶¹ assim se referiu:

Na véspera tinha lido a excelente biografia do pintor, por um literato distinto, o sr. dr. Guimarães Júnior. Esse livrinho ainda mais aumentou o respeito que já me inspirava o autor da *Carioca*. Antes conhecia eu o talento do artista; naquelas páginas vim a conhecer o homem, cuja vontade superior à sorte, derrubou quantos obstáculos se lhe antepuseram, olhos fitos na glória que lhe acenava de longe.

3. E, finalmente, pelo conteúdo desta pequena biografia. Esta obra foi escrita por um observador que acompanhou de perto a vida de Pedro Américo desde o tempo do Colégio Imperial Pedro II, do Rio de Janeiro, quando biógrafo e biografado dividiam a vida entre obrigações escolares e prazeres da meninice. Por intermédio dela, começa a se revelar para a sociedade brasileira do século XIX a trajetória de um dos nossos mais renomados e invejados pintores, expondo episódios e detalhes de uma carreira cheia de sacrifícios e carregada de triunfos. A proximidade fraterna entre os dois artistas jamais arrefeceu, e temperou a elaboração desta narrativa biográfica, tornando-a muito mais que a simples exposição de passagens da vida de uma personalidade dotada de *talento extraordinário*, para utilizar a expressão de Gilberto Freyre⁶² acerca de Pedro Américo.

Esta obra é um belo exemplo de registro biográfico que deixa expostos os vínculos entre construção narrativa e processo estratégico de fixação da imagem pública, num momento de nossa história em que nos consolidávamos como nação e estabelecíamos marcos de nossa nacionalidade. O Brasil do século XIX é, por muitos motivos, o berço de um conjunto de representações sociais que marcariam profundamente a vida de nossa República. E não é exagero dizer que esta biografia desempenhou importante papel para a fixação da imagem talentosa e respeitável de Pedro Américo, contribuindo para torná-lo um dos ícones deste período de nossa história.

Antes de nos determos sobre os motivos que levaram à execução desta narrativa biográfica e sobre as lógicas que o texto pôs em andamento, é necessário vislumbrar o espaço sócio-histórico em que transitou o perfil biográfico de Pedro Américo. Daí é possível delinear alguns condicionantes que conformaram este trabalho biográfico.

⁶¹ *Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, 30 de setembro de 1871. Arquivos de Pedro Américo. Museu Regional de Areia, Paraíba.

⁶² Ver as Referências, no fim desta apresentação.

2. Um gênero que tem muita história pra contar

Gênero narrativo dos mais antigos, a *biografia* está presente desde a Antiguidade Clássica, como nas *vidas comparadas de gregos e romanos*, de Plutarco⁶³, escritas no século I d. C. As crônicas biográficas constituíram, muitas vezes, os únicos documentos disponíveis sobre reis, santos e episódios da história. E como qualquer outra modalidade textual, o relato biográfico vai ganhando novas formas de acordo com o avanço das eras, em negociação permanente com outras modalidades de linguagem, narrativas ou não.

A produção biográfica de que tratamos aqui já aparece condicionada por regras de mercado editorial, e que, portanto, conta passagens, feitos e conquistas do biografado sem deixar de levar em consideração tanto as exigências dos editores, quanto os gostos, disposições e preferências da massa de leitores. Nesta altura, o trabalho biográfico é, então, mais um dos produtos surgidos do desenvolvimento das tecnologias de difusão, e de um mercado de bens simbólicos que vai, lenta e progressivamente, avançando sobre a totalidade do tecido social. Estamos, aqui, bem distantes daquele cenário cultural em que o escritor sabia quem ia ler a sua obra, e produzia de acordo com o conhecimento que acumulava da capacidade receptiva, decifradora de seu cliente-leitor. Como é sabido, os processos de difusão em larga escala rompem o *vis-a-vis*, o vínculo interpessoal, porque o escritor tem diante de si um público heterogêneo, e que, portanto, traz outros condicionantes ao seu trabalho.

É absolutamente indispensável ter em vista que o panorama da produção e da circulação de livros no Brasil do Segundo Reinado não era dos mais animadores, em razão de uma série de obstáculos. Éramos um país essencialmente agrícola, que arrastava alarmantes índices de analfabetismo. Amparado em dados do Censo de 1872, o primeiro realizado em terras brasileiras, Fausto (1995, p. 237) destaca que, das pessoas em atividade,

80% se dedicavam ao setor agrícola, 13% ao de serviços e 7% à indústria. Na categoria “serviços” mais da metade se refere a empregados domésticos. Vê-se como era ainda incipiente a indústria, tanto mais que neste item está incluída a mineração.

A capital do Império era, em fins de 1890, o único grande centro urbano do país, cuja população chegava a 522.000 habitantes, que concentrava a vida política, as diversões e uma

⁶³ Plutarco elaborou cerca de 46 biografias, entre as quais *A vida de Antônio*, que serviu de fonte de informação a Shakespeare para compor a peça *Cleópatra e Antônio*.

série de investimentos em transportes, iluminação e embelezamento urbano (FAUSTO, p. 237).

Diante de situação econômica e social tão desfavorável à vida ilustrada, é fácil antever o quão reduzida era a atividade livreira no Brasil do Segundo Império – como ainda hoje é, infelizmente. Os dados de 1872 expõem com muita clareza as enormes carências educacionais que atravessavam a nação de uma ponta à outra. Num país com população estimada em 4,6 milhões de habitantes,

entre os escravos, o índice de analfabetos atingia 99,9% e entre a população livre aproximadamente 80%, subindo para mais 86% quando consideramos só as mulheres. [...] Apurou-se ainda que somente 16,85% da população entre seis e quinze anos frequentavam escolas. Havia apenas 12 mil alunos matriculados em colégios secundários. Entretanto, calcula-se que chegava a 8 mil o número de pessoas com educação superior no país (FAUSTO, p. 237).

No Brasil do Segundo Império, a produção livreira arriscava os primeiros passos⁶⁴, e a elaboração de perfis biográficos de personalidades nacionais dá sinais de vida a partir da segunda metade do século XIX⁶⁵. A nascente indústria livreira nacional e o escritor, em especial, tinham, assim, que levar em profunda consideração as limitações de uma sociedade que contava com poucas livrarias, com um sistema bastante precário de distribuição de livros (transportados em carroças que cortavam nosso imenso território, e em navios) e com um pequeno número de leitores.

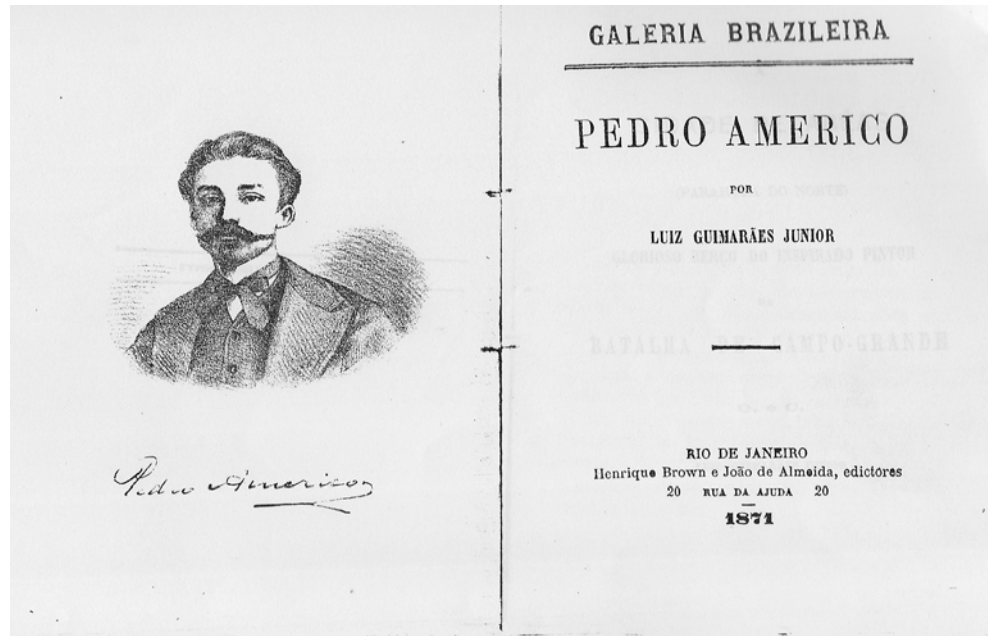
3. Estética e estratégia narrativa biográfica

Por bom tempo, Luís Guimarães Júnior exerceu a atividade jornalística, bem como produziu uma série de folhetins e peças cômicas que obtiveram sucesso de público e de vendas. Tais experiências demonstram habilidades do autor em elaborar narrativas que encontraram eco nas preferências e disposições populares – indispensáveis à urdidura de uma obra que pretendia “alimentar” a opinião pública com informações sobre a vida e os feitos de

⁶⁴ Em 1870, já se vê sinais de profissionalização do campo editorial no Brasil, quando José de Alencar assina contrato com a Editora Garnier, para a publicação da terceira edição de *Iracema*. O autor cearense assinou outros contratos com a mesma editora, entre os quais um bem mais polpudo, em que fez a cessão de direitos de quatro de seus romances, *O guarani*, *Lucíola*, *Cinco minutos* e a *Viúvinha*, e pelos quais recebeu a quantia de um conto de réis, o equivalente a um milhão de réis, conforme Lira Neto (2006).

⁶⁵ Luís Guimarães Júnior havia publicado, em 1870, a sua biografia de Carlos Gomes, e os editores Henrique Brown e João de Almeida haviam lançado, no mesmo ano, o perfil biográfico de Saldanha Marinho. Pouco depois vieram a público as biografias de Castro Alves, Salvador de Mendonça, Luís Guimarães Júnior e Henrique de Mesquita. Considera-se que a primeira grande biografia nacional veio em 1899, pelas mãos de Joaquim Nabuco, com *Um estadista do Império*, biografia de seu pai, Nabuco de Araújo.

um jovem e notável artista e intelectual brasileiro, e ao mesmo tempo consolidar a sua imagem pública.



O perfil biográfico elaborado por Luís Guimarães Júnior emprestou à trajetória de Pedro Américo as tintas de uma espécie de saga, em cujo curso o jovem artista enfrenta uma série de adversidades e vence todas elas, graças à sua inteligência, obstinado empenho e irrefreável talento. Como em muitos romances⁶⁶ de folhetim, esta narrativa idealiza o biografado, transformando-o num quase-herói, tamanho o esforço de ungi-lo com os óleos da magnanimidade, da superioridade, da abnegação, do esforço que chega ao sacrifício, de sentido ético e humano extremo, conforme se vê no trecho a seguir, extraído das páginas iniciais desta obra:

Pedro Américo bateu-se desde o princípio de sua existência intelectual com inimigos traiçoeiros e ferozes. Mas nem lhe vacilou o pé junto ao tropeço, nem seus olhos desviaram-se do horizonte, carregado de borrascas, que ameaçava devorá-lo. Guiado por missão providencial, ele caminhou tranquilo, sorrindo para os que o estimam e perdoando aos que o invejam (1871, p. 19-20).

⁶⁶ Não se trata de biografia romanceada, na qual o autor recria ficcionalmente o material da pesquisa, e que vai aparecer apenas no curso do século XX.

A maneira como Luís Guimarães Júnior retratou os fatos e eventos da vida do célebre artista brasileiro demonstra a preocupação em emprestar-lhes intensidade emocional. De um lado, os empecilhos (a pobreza, os inimigos traiçoeiros e ferozes, os perigos que o espreitavam, a fome, as enormes adversidades), e, de outro, a resposta do jovem altaneiro, que construiu sua história com muito sofrimento, pertinácia e determinação. A obra não mostra apenas as duras batalhas que o artista travou e a nobreza com que soube enfrentá-las, ela faz o leitor *viver o abalo emocional* dessas batalhas, como também o sentimento de grandeza que brota das conquistas do artista. O curso empreendido pela narrativa procurou, em certos momentos, arrastar o leitor por episódios marcadamente tensos, enfrentados por uma personagem boa, generosa e nobre, conforme se pode vislumbrar por este trecho:

O que são dores e mágoas dessa valia só pode compreender quem já sentiu na balança cruel de sua existência pesar o monstruoso espectro do infortúnio e da fatalidade.

– Nunca me esquecerei dessa viagem; diz o artista. Lágrimas choradas naquelas noites expostas ao ar e ao relento, ainda borbulham no meu coração amargurado pela memória atroz (1871, p. 63).

Quadros com esta conformação estão presentes da tragédia clássica ao melodrama francês do século XVIII, e são indispensáveis – à lógica dos espetáculos – para se instituir “vínculos” de simpatia e solidariedade entre plateia e herói. Os sofrimentos, as agruras, as dificuldades constituem também, em gêneros menores como o melodrama, a antecâmara do momento catártico apoteótico: o triunfo, a vitória do bem contra o mal ou contra as adversidades.

O tratamento dispensado à biografia, assim, ao compor o curso da curta porém brilhante experiência de vida do artista brasileiro, pouco deixa ver o homem Pedro Américo, em sua luta obstinada pela realização pessoal e profissional, com suas limitações e muitos interesses.

Pode-se dizer que esta biografia deve muito à maneira de narrar dos folhetins, que tanto carrega nas tintas dramáticas (ou melodramáticas), desenhando inimigos e penosas dificuldades que ameaçam o biografado-herói, quanto o cerca com descrições plenas de nobreza e dignidade – medidas textuais que, certamente, têm boa acolhida no gosto e nas preferências populares. O que mostra o empenho do escritor em armar o percurso narrativo recorrendo a intensidades estéticas, sempre de modo a despertar sentimentos que ressoem positivamente sobre o biografado. Estratégia textual e efeito estético combinados para estabelecer a excelente imagem de um homem público.

Em termos precisos, a narrativa procura produzir efeitos estéticos que dão monumentalidade ao biografado, o que é alcançado pelo uso de artifícios de natureza sensível que combinam o *grandioso e o heróico* – conformações estéticas bastante comuns e facilmente identificáveis no universo artístico.

4. O Pano de fundo: disputa intestina por prestígio

Não posso deixar de considerar na composição desta obra um aspecto que julgo significativo para que entendamos um pouco melhor o talhe emprestado à biografia, e que responde pela necessidade do autor em investir Pedro Américo com a “armadura” de um quase-herói. Tais motivações constituem, pra mim, o pano de fundo sobre que se arma o fluxo da trama biográfica. Entendo que esta biografia veio, por assim dizer, “em socorro” do jovem artista, que se encontrava frente a críticas e calúnias que se espalhavam pelos jornais da Corte, causando danos à sua imagem e prestígio. E isso às vésperas da exposição de um dos quadros mais famosos de Pedro Américo, *A Batalha de Campo Grande*.

Concluída a de *Campo Grande*, outra batalha, iniciada em 1864, tomava as atenções e exauria as energias de Pedro Américo, cujos embates se davam em plena arena pública, e contra inimigos dos mais perigosos: os que não mostram a face. Por isso mesmo, não foi à toa que um prestigiado escritor como Luís Guimarães Júnior compôs uma biografia sobre seu amigo dos tempos do Colégio Imperial Pedro II em tons tensos e apologéticos.

Considerando-se que um texto é sempre uma resposta a outro texto ou textos, conforme declina a dialogia bakhtiniana, Luís Guimarães Júnior trava, por meio desta obra, diálogo com os caluniadores anônimos de Pedro Américo, contestando acusações e enaltecendo sua vida e obra.

Pedro Américo tinha 28 anos de idade quando esta biografia ganhou às ruas. Mesmo muito jovem, o artista e intelectual paraibano já alcançara enorme popularidade principalmente no Rio de Janeiro, a ponto de os editores Henrique Brown e João de Almeida tocarem este empreendimento biográfico certos de seu sucesso – a primeira biografia, aliás, de outras que se seguiram, parciais ou mais completas.

Durante o tempo em que estudou na Academia Imperial de Belas-Artes (entre 1855 e 1859), Pedro Américo arrebatou as principais premiações da instituição, o que lhe valeu o apelido de *papa-medalhas*. Após um período de estudos em Paris, que durou de 1859 a 1864, aprimorando-se no que de melhor o ambiente cultural da velha cidade podia oferecer, Pedro

Américo retorna ao Brasil com duas premiações da Academia Francesa e com o bacharelado em Ciências Naturais, pela Sorbonne.

Além disso, a Academia Francesa publicara, em 1863, um opúsculo de Pedro Américo, intitulado *La réforme de l'école des beaux-arts et l'opposition – par un élève*⁶⁷ (*A reforma da Escola de Belas-Artes e a oposição – por um aluno*)⁶⁸, em que o jovem brasileiro historiava a reforma por que acabava de passar a instituição parisiense, como pôs em discussão as influências das belas-artes sobre a educação liberal. E também em Paris, Pedro Américo parece ter iniciado as *Considerações filosóficas sobre as belas-artes na antiguidade* (1864), que foram terminadas no Rio Janeiro, quando de seu retorno do Velho Mundo. O manuscrito⁶⁹ desta obra foi entregue de presente ao imperador Pedro II, como testemunho de seu desenvolvimento intelectual em terras europeias, e publicado no jornal *Correio Mercantil*, do Rio de Janeiro, entre 30 de setembro e 28 de novembro de 1864, totalizando 20 edições. Além das *Considerações filosóficas*, Pedro Américo publicou, entre maio e junho de 1865, também pelo *Correio Mercantil*, do Rio de Janeiro, as *Cartas de um plebeu*.

Estes eventos, mais a concessão especial que lhe havia feito o imperador⁷⁰, para que pudesse realizar seus estudos na capital francesa, e a fama que já havia conquistado no ambiente da Corte, atiçaram a inveja e o despeito de uns seus contemporâneos. Também a isso se acrescenta a preocupação de Pedro Américo por prestígio e notoriedade, e que ele soube, por sinal, realizar com muito esforço, zelo e perícia.

A partir de então, o jovem Pedro Américo passou a sofrer insistentes ataques através da imprensa carioca. Nesta altura da carreira, seus detratores não suportavam o fato de Pedro Américo ser artista plástico e escritor.

Ao retornar de sua segunda viagem à Europa, o artista brasileiro trouxe na bagagem o grau de doutor em Ciências Naturais pela Universidade Livre da Bélgica⁷¹, e também o título

⁶⁷ Esta pequena obra faz parte do conjunto de escritos internacionais de Pedro Américo, que foram reunidos em *Papéis internacionais*, título que também compõe a Coleção Pedro Américo.

⁶⁸ Esta significativa passagem da vida de Pedro Américo, na fase de estudos em Paris, não foi mencionada no apanhado biográfico de Luís Guimarães Júnior.

⁶⁹ Este manuscrito se encontra no Arquivo do Museu Imperial, em Petrópolis, Rio de Janeiro, e os microfímes de sua edição em jornal estão acessíveis na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro.

⁷⁰ Por esse tempo, a Academia Imperial de Belas-Artes havia suspenso o concurso para o “prêmio de Roma”, para fins de estudo e aprimoramento técnico e artístico. Pedro Américo solicitou ao imperador Pedro II permissão e subvenção especial para a realização desta viagem de estudos, em que foi atendido.

⁷¹ Pedro Américo conquistou o grau de doutor em Ciências Naturais com a tese *Hipótese relativa à causa do fenômeno chamado luz zodiacal*, que foi transformado em livro (Bruxelas, 1869). Não se tem, infelizmente, notícias do paradeiro desta publicação. Luís Guimarães Júnior cita, neste perfil biográfico, um trecho em

de professor agregado à mesma universidade, certamente em que fora aprovado com distinção. Isso foi o suficiente para assanhar o ânimo de seus inimigos, e a calúnia voltou à cena, com redobrado vigor. Agora, os ataques a Pedro Américo nas páginas alugadas dos jornais cariocas recaíam sobre o triplo desempenho de pintor, escritor e homem de ciência, conforme Luís Guimarães Júnior retrata no trecho a seguir:

Que! – exclamavam os cavaleiros das sombras – este artista ganhou nome, trabalhando com o pincel e com a pena; escritor e pintor, notável pela palheta e distinto pela ciência! É demais! Risquemo-lo do catálogo imediatamente que ele não deve viver conosco! (1871, p. 88-89).

Poucos artistas e intelectuais brasileiros terão sofrido perseguição tão sistemática e tão implacável quanto Pedro Américo de Figueiredo e Melo. A este respeito, Gilberto Freyre nos traz um testemunho bastante esclarecedor:

Pedro Américo [...] foi em vida um triunfador invejadíssimo. Fizeram-se contra ele campanhas de difamação ou de silêncio que ficaram célebres. Se pintava mais de um quadro por ano, estava pintando demais e sacrificando a qualidade à quantidade. Se pintava apenas um retrato em seis meses, estava decadente ou estéril. Havia censores ainda mais sutis e exigentes: os que diziam que o nortista tinha talento mas se esgotara na primeira obra-prima.

Uma das teclas mais batidas pelos despeitados contra o paraibano vitorioso foi esta: seus triunfos eram os triunfos de um protegido do Imperador. Sem Pedro II não haveria Pedro Américo. O pintor era apenas um reflexo do Imperador, que mandara o menino estudar longos anos na Europa por conta dos cofres públicos; e continuara a proteger o artista – que na Europa se impregnava também de literatura, tornando-se bacharel, defendendo tese, escrevendo dissertações – durante todos os seus dias de rei amigo das artes, das letras e das ciências (1981, p. 97).

As sucessivas campanhas difamatórias lançadas a Pedro Américo escondiam, de fato, as suas reais motivações, que se vinculavam, de um lado, ao trono imperial e, do outro, à elite cultural do Segundo Império. As calúnias e injúrias contra o artista paraibano tinham por exclusiva finalidade destruir a sua imagem de jovem extraordinariamente dotado diante do poder imperial. Pedro II reconheceu o talento inato de Pedro Américo, bem como a sua ambição de se transformar em um dos grandes do Império, e o protegeu desde o tempo em que deixou a pequena Areia, na Paraíba, em busca de arte, conhecimento e fama, mantendo a proteção – um pouco mais, um pouco menos – até a derrocada do Império.

A fama de Pedro Américo e o apoio que recebia de Pedro II constituíam sérios obstáculos a alguns que pleiteavam posições no quadro do cobiçado e restrito grupo de

francês da citada obra. Já o estudo com que Pedro Américo conquistou a posição de doutor agregado à Universidade Livre de Bruxelas é *La science et le systemes – questions d'histoire et de philosophie naturelle (A ciência e os sistemas – questões de história e de filosofia natural, 1869)*, que também integra esta Coleção.

intelectuais brasileiros, responsável por elaborar as representações capazes de dar sustentação ideológica ao poder imperial. Os que aspiravam fazer parte da elite cultural brasileira do período disputavam a proeminência frente à formação deste campo, condição fundamental para se pleitear postos, vantagens, cargos, posições oficiais. E isso, como em qualquer campo social, dependia diretamente tanto do reconhecimento dos pares, quanto do respeito conquistado diante da sociedade.

5. Considerações finais

Nesta disputa intestina por melhores posições dentro do quadro da elite cultural do país no Segundo Império brasileiro, recorria-se a expedientes de diversas naturezas, conforme a conveniência e o impacto que pudessem gerar. A *Biografia* de Pedro Américo é um desses recursos, e certamente dos mais privilegiados, em razão de suas peculiaridades de instrumento de comunicação capaz de atingir ampla massa de leitores, além da vantagem de ser mais facilmente preservado.

A elaboração deste perfil biográfico veio cumprir três papéis estratégicos, voltados à opinião pública brasileira da época: primeiramente, a de oferecer não uma simples resposta a injúrias e difamações, mas *a resposta*, urdida por mãos festejadas por intelectuais e pela imprensa da Corte; em segundo, a publicação sobre a vida e obra de um jovem artista seria, por si mesma, a prova cabal da grandeza de seu talento e de seu nome; e em terceiro, ao fazer da vida de Pedro Américo uma espécie de saga, de gesta heróica, a biografia ajudaria a fincar ainda mais fundo na alma e na lembrança do brasileiro o nome do grande artista e intelectual paraibano.

Ao fim da biografia, a estratégia narrativa revela os interesses mais imediatos de Pedro Américo no momento em que a pena de Luís Guimarães Júnior se volta para a Academia Imperial de Belas-Artes. Pergunta o biógrafo: “Quem mais no caso do que o dr. Pedro Américo de Figueiredo e Melo para ocupar o cargo de diretor da Escola?” Pelo que dissemos, se pode presumir que não só a pergunta, como também a biografia de Pedro Américo eram dirigidas, em especial, a um dileto leitor: o imperador Pedro II.

Desde seu primeiro retorno da Europa, Pedro Américo ambicionou ocupar a direção desta instituição que formava artistas, arquitetos e artesãos no século XIX. A mesma pretensão de Pedro Américo ressurge em outro opúsculo publicado também em 1871,

*Histórico e análise estétigráfica do quadro de um episódio da Batalha de Campo Grande*⁷², e que vem assinada por um tal Arseos – uma das tantas personagens anônimas que animaram, com seus escritos, o cenário de disputas por prestígio e fama que se estabeleceu no Rio de Janeiro de meados do século XIX. No encerramento desta obra consta o seguinte trecho:

O dr. Pedro Américo não é somente distinto como pintor, é também muito distinto em ciências naturais e de literatura, como comprovam os seus escritos que mereceram a plena aprovação de algumas academias da culta Europa, cabendo-lhe, além disso, a glória de ter sido graduado doutor adjunto da Universidade Livre da Bélgica, honra, esta, que aquela universidade não tem conferido senão a pessoas de reconhecido mérito: trate, pois, o governo imperial de reformar a nossa Academia das Belas-Artes e coloque o dr. Pedro Américo à sua frente, que ele, auxiliado por alguns distintos professores que possui a mesma Academia, poderá regenerar as artes do Império do Cruzeiro (1871, p. 100).

Pedro Américo não ocupou o cargo de diretor da Academia Imperial de Belas-Artes, mas foi, certamente, um de seus representantes mais brilhantes, e um dos que se empenharam com afinco em levar mais longe o nome e os valores de nossa nação.

Mais que narrar de modo habilidoso passagens e proezas de um jovem artista, esta pequena biografia é um documento que estampa o esforço em firmar o nome Pedro Américo para o seu tempo e para a posteridade, através da imagem de homem excepcionalmente dotado. E por tal razão, ela é um registro histórico de emprego de recursos de linguagem para fins estratégicos de celebração e fixação da imagem pública.

REFERÊNCIAS

ARSEOS. **Histórico e análise estétigráfica do quadro de um episódio da Batalha de Campo Grande**. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1871.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000. (Coleção Ensino Superior).

_____. **Questões de literatura e estética** – A teoria do romance. 4.ed. São Paulo: Editora da UNESP; Hucitec, 1998 (Linguagem e Cultura, 18).

⁷² Este título também integra a Coleção Pedro Américo.

BURKE, Peter. **A fabricação do rei: a construção da imagem pública de Luís XIV.** Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

COTRIM, Álvaro. **Pedro Américo e a caricatura.** Rio de Janeiro: Edições Pinakothek, 1983.

DUQUE-ESTRADA, Luís Gonzaga. **Arte brasileira: pintura e escultura.** Rio de Janeiro: H. Lombaerts & Cia., 1888.

_____. **Impressões de um amador: textos esparsos de crítica (1882-1909).** Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2001. (Inéditos & Esparsos).

_____. **Mocidade morta.** 4ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1995.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil.** 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fundação do Desenvolvimento da Educação, 1995. (Didática, 1)

FREYRE, Gilberto. **Pessoas, coisas & animais.** 2 ed. Porto Alegre: Globo, 1981. (1ª. Série)

GUIMARÃES JÚNIOR, Luís. **Pedro Américo.** Rio de Janeiro: Henrique Brown e João de Almeida Editores, 1871. (Galeria Brasileira, 2).

MARTINS, Lincoln. **Pedro Américo, pintor universal.** João Pessoa: Governo do Estado da Paraíba; Brasília: Fundação Banco do Brasil, 1994.

MARTINS, Wilson. **História da inteligência brasileira.** São Paulo: Cultrix; Editora da Universidade de São Paulo, 1977-78. (vol. III, IV).

MELLO JÚNIOR, Donato. **Pedro Américo de Figueiredo e Melo: 1843-1905.** Algumas singularidades de sua vida e de sua obra. Rio de Janeiro: Edições Pinakothek, 1983.

MELO, Pedro Américo de Figueiredo e. **Alguns discursos.** Florença: Imprensa de l'Arte della Stampa, 1888. (2ª parte).

_____. **Amor d'esposo** – narrativa histórica. Florença: Imprensa de l'Arte della Stampa, 1886.

_____. **Discursos parlamentares: 1891-1892.** Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1892.

_____. **La réforme de l'École de Beaux-Arts et la opposition (par un élève).** Paris: A. Morel et Cie., 1863.

NETO, Lira, **O inimigo do rei: uma biografia de José de Alencar, ou A mirabolante aventura de um romancista que colecionava desafetos, azucrinava D. Pedro II e acabou inventando o Brasil.** São Paulo: Globo, 2006.

OLIVEIRA, Cecília Helena de Salles e MATTOS, Claudia Valladão (orgs.) **O brado do Ipiranga.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Museu Paulista da Universidade de São Paulo, 1999. (Acervo, 2).

OLIVEIRA, J. M. Cardoso de. **Pedro Américo**: sua vida e suas obras. 2ª ed. fac-sim., Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1993.

SCHWARCS, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças – Cientistas, instituições e questão racial no Brasil**: 1870 – 1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, Demócrito de Castro e. **Pedro Américo**: poeta das cores e pintor de batalhas. João Pessoa: Secretaria da Educação e Cultura/Governo do Estado da Paraíba, 1982.

SILVA, Silvano Alves Bezerra da. **Estética utilitária**: interação através da experiência sensível com a publicidade. João Pessoa: A União; Editora Universitária da UFPB, 2010.

_____. “Pedro Américo: gênio da raça brasileira”. In: MELO, Pedro Américo de Figueiredo e. **A ciência e os sistemas**: questões de história e de filosofia natural. João Pessoa: Editora Universitária, 1999.

_____. “Pedro Américo e o processo de construção nacional das belas-artes”. In: MELO, Pedro Américo de Figueiredo e. **Considerações filosóficas sobre as belas-artes entre os antigos**. João Pessoa: Editora Universitária, 2006.

SOURIAU, Étienne. **Vocabulaire d'esthétique**. Paris, France: Quadrige; Presses Universitaires de France, 1999 (Grands Dictionnaires, 300).